

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

**A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA EM
PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS**
(The heroine construction in *Percy Jackson and the Olympians*)

GUILHERME AUGUSTO LOUZADA FERREIRA DE MORAIS
(gui_amorais@hotmail.com)

UNESP – Universidade Estadual Paulista
Departamento de Línguas Modernas
FAPESP Proc. 2013/00926-0

RESUMO - A priori, demonstraremos como era a vida da mulher grega, mais especificamente em Atenas, com o objetivo de analisar a construção da heroína no terceiro livro da série “Percy Jackson e os Olimpianos”, de Rick Riordan, comparando-a, conseqüentemente, com os heróis clássicos, visto que se percebe que as personagens femininas de Riordan tornam-se, também, heroínas. Depreendemos, com a leitura do romance, que as personagens femininas do autor estadunidense são tão capazes de serem heroínas quanto os homens são capazes de serem heróis, ou seja, elas estão aptas a enfrentarem qualquer obstáculo, derrotarem qualquer monstro (seja ele mítico ou metafórico); evidenciando, de tal modo, o espaço que a mulher ganhou tanto na sociedade quanto na literatura.

PALAVRAS-CHAVE - personagens femininas; heroína; Percy Jackson; Rick Riordan

ABSTRACT - A priori, we will demonstrate how the Greek women's life was, more specifically in Athens, with the objective of analyzing the heroine's construction on the third book of “Percy Jackson and the Olympians”, by Rick Riordan, comparing her, consequently, to the Classic heroes, as we can see that the Riordan's female characters also become heroines. We can observe, with the reading of the novel, that the female characters of the American author are equally able to be heroines as his male characters can be heroes, that is, they can defeat any obstacle, defeat any monster (mythic or metaphoric); so, showing that the woman has gained space in society and in the literature.

KEYWORDS - female characters; heroine; Percy Jackson; Rick Riordan

A presente pesquisa, que fundamentou a apresentação no *Congresso Internacional de História da Antiguidade Clássica*, teve como intenção analisar a construção da heroína. Estudamos, a priori, o herói clássico, a fim de fazer-se possível a análise da construção da heroína no romance “Percy Jackson e os Olimpianos - A maldição do titã”, visto que se percebe claramente, nos textos analisados,

que a mulher torna-se, também, heroína, carregando consigo os mesmos atributos que os heróis clássicos, o que, na Antiguidade, *era mais raro*. Investigamos, portanto, as façanhas dos grandes heróis para podermos relacioná-los às personagens femininas de Riordan, ou seja, por meio da comparação, analisamos a concepção do herói feminino – a heroína –, enfocando o diálogo intertextual entre a Mitologia greco-romana e a Literatura contemporânea.

Sabemos que o modelo heroico é protagonizado, desde os tempos antigos, por personagens masculinas, e isso pode ser explicado pela “superioridade física, pela situação social da mulher até uma época recente, pelas características de sua vida sexual e por suas maternidades”¹⁰². Enquanto o homem partia para a guerra, cabia à mulher ateniense permanecer em casa e cuidar dos filhos e dos bens do marido. De acordo com Tokita¹⁰³,

[...] desde a antiguidade grega, e provavelmente muito antes disso, a posição feminina naquela sociedade era similar a dos escravos. Tendo como função primordial a reprodução, sua vida se resumia em criar os filhos e produzir o necessário para a subsistência de seu marido e família. Mesmo dentro de casa, sua palavra não tinha força, pois seu papel existia a partir da subordinação a seu marido, pai ou irmão. Dentro desta divisão de trabalhos, a mulher era responsável pela casa enquanto o homem se ocupava com questões de ‘maior importância’ – como o comércio, a educação, filosofia, política entre outras [...].”

Confirmando a citação acima, Chaline¹⁰⁴ diz que, em termos de direitos civis, as mulheres atenienses

“são pouco ou nada melhores do que os escravos. Com o casamento, elas passam do controle dos pais ao de seus maridos. Enquanto as mulheres das classes sociais mais humildes são obrigadas frequentemente a sair da casa e trabalhar fora, as mulheres das classes sociais mais abastadas são proibidas de deixar a casa dos pais ou do casal. Passam assim o seu tempo no *ginaikeion*, ou quarto das mulheres, que geralmente está localizado no segundo andar da casa, longe de olhos espíões. Se aparecem em público, espera-se que se comportem com a máxima descrição e cubram a cabeça com sua *himatia*. Uma vez que o dever principal da esposa ateniense é gerar filhos, o marido certamente procurará o divórcio de uma mulher infértil. Embora o homem possa repudiar facilmente sua esposa, é difícil para uma mulher obter o divórcio.”

¹⁰² Brunel 1998: 472

¹⁰³ Tokita 2002: 18

¹⁰⁴ Chaline 2008: 29.

Com isso, é pertinente expor que havia três tipos de mulheres na Grécia antiga – esposa legítima, concubinas, prostitutas. Para que uma mulher obtivesse o status social de esposa legítima, ela deveria ser filha de um cidadão grego e estar “[...] apta a procriar uma descendência legítima [...]”¹⁰⁵. As concubinas, por sua vez, mulheres que vivem com um homem, sem com isso estarem casadas com ele, não tinham status de esposa legítima e seus filhos, caso os tivesse, eram todos considerados bastardos e “[...] estavam excluídos da herança do receptor, pois esta era destinada aos filhos legítimos, das esposas legítimas. Podemos dizer que as concubinas gozavam de certa liberdade, pois podiam frequentar os banquetes públicos juntamente com os homens”¹⁰⁶. Por fim, as prostitutas eram mulheres de “[...] vida livre, dominada pelo prazer sexual, pelo adultério, pela promiscuidade”¹⁰⁷. Apesar de serem “mais” livres que as esposas legítimas e as concubinas, as prostitutas eram ainda mais marginalizadas pela sociedade grega, porque não passavam de objetos sexuais.

Entendemos, assim, que a mulher ateniense, ou seja, a esposa legítima, a mulher dos bons costumes e fiel ao marido, não tinha lugar na sociedade porque a tradição não lhe permitia, pois sabemos “que na antiga Atenas a mulher vivia quase sempre num estado de incultura física e espiritual, inteiramente dedicada às lides da casa”¹⁰⁸, confinada ao espaço privado. É verdade que temos poucos relatos que demonstram a situação social da mulher em outras cidades gregas. Além de Atenas, sabemos que em Esparta as relações entre homens e mulheres eram praticamente semelhantes, uma vez que “[...] a tradição vinda até nós fala-nos de que as donzelas espartanas praticavam nuas os seus exercícios físicos”¹⁰⁹, ou seja, assim como os rapazes, as jovens espartanas eram treinadas e podiam frequentar, por essa razão, espaços públicos, diferentemente das mulheres atenienses. Contudo, é pertinente ressaltar o fato de que, mesmo treinadas, as mulheres não partiam para a guerra, apenas os homens; seu destino era, como o das atenienses, a procriação. Com o tempo, porém, a participação feminina na sociedade foi ganhando espaço: cada vez mais, a figura da mulher é presente em manifestações, principalmente no campo da educação. As tragédias e comédias clássicas, por exemplo, mostram-nos que ela foi, finalmente, “descoberta como um ser humano”¹¹⁰.

Apesar da mulher ateniense ser marginalizada socialmente, algumas figuras femininas atuaram ativamente na Literatura Clássica, como, por exemplo, Antígona e Penélope, cada uma com suas particularidades. Antígona, personagem de

¹⁰⁵ Costa 2003: 35.

¹⁰⁶ Costa 2003: 39.

¹⁰⁷ Costa 2003: 40.

¹⁰⁸ Jaeger 1986: 818.

¹⁰⁹ Jaeger 1986: 817.

¹¹⁰ Jaeger 1986: 818.

Sófocles, rompe com o padrão passivo que a mulher clássica ocupava. A jovem é irmã de Ismênia, Polinices e Etéocles, filhos incestuosos de Édipo e Jocasta, e sua tragédia se passa em Tebas, cidade governada por Creonte, após a história do rei Édipo. O drama de Antígona, atormentada pelo seu passado, tem continuidade após a morte de seus irmãos Etéocles e Polinices, que disputaram o trono de Tebas e acabaram matando-se um ao outro. Não obstante a morte dos irmãos, o tio de Antígona (rei Creonte) decreta que Polinices é inimigo de Tebas e concede as honras fúnebres somente a Etéocles, que morreu lutando por Tebas. Ao primeiro é relegado o destino de apodrecer sobre a terra, sendo comido pelos animais.

Antígona,

“exemplo comovente de amor fraternal, resolve expor-se ao perigo, e, contrariando o decreto do tirano, presta ao infeliz Polinice, seu irmão, aquele piedoso serviço. Toda a tragédia resulta desse rasgo de heroísmo da jovem, a quem o cruel Creonte condena à morte, apenas dar súplicas do seu filho Hémon. Quando o rei cede, afinal, temendo os presságios do adivinho Tirésias, já é tarde; a heroína estava morta. Suicida-se o jovem Hémon; e sua mãe, Eurídice, não resiste à dor que lhe causa a perda do filho estremecido.”¹¹¹

É interessante notar que, nesta peça, temos alguns pensamentos relacionados ao campo jurídico. Observamos a criação de uma lei motivada por razões pessoais que confronta os costumes, ou seja, as tradições de um povo. É sabido que as leis têm, como princípio, servir como instrumento de organização da vida em sociedade, porém, a ordem imposta por Creonte tem o intuito de servir seus próprios desejos. O rei falha ao querer legitimar a sua autoridade, ao utilizar-se das regras do próprio Estado para alcançar seus objetivos e, em meio a essa atitude, que causa uma grande desarmonia à sociedade, põe em xeque sua soberania, pois Antígona contesta e faz valer a tradição de seu povo frente à lei forçada. Numa tentativa de honrar o morto, ela provoca uma desestabilidade social, saindo do espaço passivo da mulher por meio da inadvertência cometida por seu tio. Assim, ela diz:

“Mas Zeus não foi o arauto delas para mim,
nem essas leis são as ditadas entre os homens
pela Justiça, companheira de morada
dos deuses infernais; e não me pareceu
que tuas determinações tivessem força
para impor aos mortais até a obrigação
de transgredir normas divinas, não escritas,

¹¹¹ Ésquilo / Sófocles s/d: 70.

inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem,
é desde os tempos mais remotos que elas vigem,
sem que ninguém possa dizer quando surgiram.
E não seria por temer homem algum,
nem o mais arrogante, que me arriscaria
a ser punida pelos deuses por violá-las [...]”¹¹²

Inferimos que Sófocles, na obra, retrata uma mulher que, na época, era submissa, sem papel de grande importância na sociedade, mas que *rasga* esse papel e passa a ocupar uma posição antes não imaginada. Como exemplo, podemos notar que Ismênia baixou a cabeça diante as imposições do rei, ao contrário de sua irmã, que o enfrentou.

A atitude de Ismênia revela claramente a sua passividade, a conformidade em aceitar a condição feminina imposta pelo poder, pela sociedade de homens. A personagem tem consciência da situação de submissão em que vive, mas prefere aceitá-la a tentar mudar sua condição, pode medo, covardia diante das punições que poderia sofrer por tal ato. Desta forma, para Ismênia, é preferível desculpar-se com os mortos, do que desrespeitar a ordem dos vivos, fato que contrasta a atitude de Antígona, que mesmo consciente de sua situação de mulher na sociedade tebana, ainda assim, prefere correr o risco, assumir as consequências de seu ato, a ter de permanecer impassível frente à imposição de um tirano e negar a sepultura a seu irmão¹¹³.

Antígona, ao desejar o enterro do irmão com todas as cerimônias dignas, trata a questão dos direitos iguais que todos os cidadãos possuem perante a sociedade, assim, sua desobediência em relação às leis criadas por Creonte lhe garante uma posição diferenciada no que concerne à posição ocupada pela mulher na sociedade clássica. Podemos dizer, então, que Antígona age como heroína, na tragédia, pois saiu de uma posição *confortável* e infringiu as leis impostas pelo tio. Sua missão não foi um ato individual, apenas, mas um tipo de convocação para todos aqueles que eram reprimidos, de alguma forma, pela tirania, pelo poder. Ela é signo de revolta e coragem, pois se absteve do medo, não se preocupou com as consequências e se tornou exemplo para o povo de Tebas, um mártir, uma heroína. Podemos dizer, portanto, que

“[...] Antígona não tem um caráter inferior [...], pelo contrário, é uma mulher que possui uma personalidade de valor. Coragem e ousadia no cumprimento do dever e no respeito às leis divinas; o dom da palavra para expressar suas opiniões, o sim e o não, principalmente o não, para a injustiça; o amor para

¹¹² Sófocles 1955: 214.

¹¹³ Costa 2003: 50-51.

com o seus, são virtudes que não faltam nessa mulher.”¹¹⁴

Penélope, diferentemente, ocupa a posição da mulher de família e dos bons costumes, uma vez que permanece circunscrita ao lar e é destinada às tarefas domiciliares e à procriação. Sem notícias de Odisseu, seu pai sugeriu que ela se casasse novamente. Fiel ao seu marido, recusou-se, porém, diante da insistência do pai, decidiu aceitar a corte dos pretendentes à sua mão, estabelecendo a condição de que o novo casamento somente aconteceria depois que terminasse de tecer uma mortalha para Laerte, pai de Odisseu. Com essa estratégia, durante o dia, aos olhos de todos, Penélope tecia e à noite, secretamente, desmanchava todo o trabalho, permanecendo extremamente fiel a Odisseu. Concluímos que a notória mulher, personagem criada por Homero, reside em um ambiente circunscrito ao lar, educando o filho de seu marido (enquanto menino) e prestando-lhe total fidelidade, no período em que este batalhava na Guerra de Tróia e regressava por uma viagem atribulada. De tal modo, Grimal¹¹⁵ diz que a fidelidade conjugal de Penélope

“[...] lhe granjeou a fama e a tornou universalmente célebre na lenda e na literatura antigas. Durante os vinte anos em que o marido esteve ausente em virtude da Guerra de Tróia, ela conservou-se fiel aos votos matrimoniais, sendo, de entre as mulheres dos heróis que participaram em tal guerra, praticamente a única que não sucumbiu aos *demônios da saudade* [...]” (grifo nosso)

De acordo com Chatagnier¹¹⁶, ecoando os dizeres de Beauvoir, “a mulher está destinada a se guardar para o marido e ao mesmo tempo aceitar qualquer tipo de traição por parte dele, sem ao menos ter o direito de reclamar”. O excerto nos possibilita confirmar que Penélope possuía o status social da antiga mulher ateniense, condicionado pelo meio cultural e político da época. Percebemos, assim, que Penélope estava posicionada exatamente no lugar em que a mulher da antiga Atenas deveria estar: submissa ao marido, fiel e dona de casa. Após esse preâmbulo, podemos concluir alguns pontos no tocante da história da mulher no decorrer dos anos, o que pode ter influenciado fortemente as personagens femininas da literatura contemporânea.

De acordo com Chatagnier¹¹⁷, “considerar a mulher como sexo frágil muitas vezes não convence mais”. Podemos dizer, com base nisso, que heróis do sexo feminino, na literatura ou cinema, só apareceram com mais força recentemente, pois ainda havia a crença de que a mulher era uma moça indefesa que precisava

¹¹⁴ Costa 2003: 56.

¹¹⁵ Grimal 2005: 364.

¹¹⁶ Chatagnier 2013: 22.

¹¹⁷ Chatagnier 2013: 10.

ser resgatada pelo herói. Diferentemente, Riordan, em sua série, dá posição de herói à mulher: suas personagens possuem coragem, força, inteligência, entre muitos outros atributos, assim como seus heróis: Annabeth possui grande inteligência, Clarisse, filha de Ares, é brava e corajosa, etc. Podemos, assim, contemplar as aventuras dessas personagens e, ao mesmo tempo, compará-las tanto aos feitos heroicos masculinos quanto às mulheres da Literatura Clássica.

No primeiro livro, *O Ladrão de Raios*, as personagens femininas de Riordan nos são apresentadas como heroínas, inteligentes e vigorosas, e filhas de um deus (assim como os heróis Clássicos); no entanto, desempenham papel de ajudantes de herói e, apenas a partir do segundo livro, veremos elas realizarem atos singularmente heroicos. Por essa razão, partiremos para o terceiro livro, *A Maldição do Titã*, no qual, efetivamente, elas exercem papel de heroínas.

Percy, Thalia, Annabeth e Grover visitam uma escola militar, Westover Hall, pois, no local, encontram-se dois semideuses, e o grupo de amigos intencionam recrutá-los para o Acampamento Meio-Sangue. Porém, uma Manticora, animal com “corpo de leão, rosto humano e cauda rija e pontiaguda que dispara espinhos mortais”¹¹⁸, chamada Dr. Espinheiro, busca interceptar o resgate dos irmãos Di Angelo. Dr. Espinheiro, ao capturar Percy, Bianca e Nico di Angelo, levou-os para uma clareira, na beira de um precipício; de repente, Annabeth e Thalia surgem numa tentativa de salvar Percy e os dois semideuses:

“[...] o movimento de Annabeth foi brilhante. Usando seu boné de invisibilidade, ela atingiu os di Angelos e a mim, atirando-nos ao chão. Por uma fração de segundos, o Dr. Espinheiro, pego de surpresa, ficou desorientado, assim sua primeira saraivada de mísseis zuniu inofensiva acima de nossas cabeças. Isso deu a Thalia e a Grover a chance de avançar por trás – Thalia brandindo seu escudo mágico, Aegis.

Se você nunca viu Thalia entrando em uma batalha, nunca sentiu medo de verdade. Ela usa uma lança imensa, que se expande de uma lata de spray paralisante que carrega no bolso, mas essa não é a parte assustadora. Seu escudo foi modelado a partir de um que seu pai, Zeus, usa – também chamado Aegis –, um presente de Atena. O escudo tem a cabeça de Medusa moldada no bronze, e, embora não possa transformá-lo em pedra, é tão horrível que a maioria das pessoas entra em pânico e corre à sua visão.”¹¹⁹

Podemos perceber, com a leitura do excerto, que tanto Annabeth quanto Thalia agem como heroínas, e Percy, no entanto, ocupa uma posição passível, de segundo plano, visto que nada podia fazer para impedir a Manticora. Assim, as duas semideusas são impulsionadas a agir como herói e ambas possuem destreza

¹¹⁸ Riordan 2012: 105

¹¹⁹ Riordan 2009b: 30-31.

e força para tanto: Annabeth, com seu boné de invisibilidade, abre caminho e impede que os mísseis (espinhos) do monstro atinjam Percy, Nico e Bianca; já Thalia, munida de escudo e lança, entra em um combate acirrado com Dr. Espinheiro.

Quando Dr. Espinheiro deixa sua forma humana e se transforma, efetivamente, em uma Mantícora, aparentemente, nada poderia derrotá-lo. Porém, Ártemis e suas caçadoras aparecem e enfrentam o ser mitológico:

“– Malditos sejam vocês! – gritou Espinheiro, lançando seus espinhos, dezenas deles de uma só vez, na direção da floresta, de onde a flecha viera, mas, igualmente rápido, flechas de prata foram disparadas em resposta. Era quase como se as flechas interceptassem os espinhos em pleno ar, dividindo-os em dois – mais isso deviam ser meus olhos me pregando peças. Ninguém, nem mesmo os filhos de Apolo no acampamento, era capaz de atirar com aquela precisão. [...]

Então os arqueiros vieram do bosque. Eram garotas, cerca de uma dúzia delas. A mais nova devia ter uns dez anos. A mais velha, cerca de quatorze, como eu. Elas usavam parcas de esqui prateadas e jeans, e todas estavam armadas com arcos. Avançaram contra o manticore com expressão determinada.

– As Caçadoras! – gritou Annabeth.”¹²⁰

É importante lembrarmos que Ártemis é a deusa da caça que permaneceu eternamente jovem, renunciando qualquer relação com o sexo masculino e, conseqüentemente, suas caçadoras, em voto de fidelidade, receberam a imortalidade ao renunciarem, também, “o amor romântico para sempre [...], de nunca crescer, nunca se casar [...]”¹²¹, pois alegam que o homem as inferioriza e se espedham, talvez, nas próprias Amazonas, pois “[...] considerava-se Ártemis como a protetora das Amazonas, como elas guerreiras e caçadoras e, também, libertas do jugo do homem [...]”¹²². Além disso, podemos ressaltar o fato de que, diferentemente dos demais deuses, Ártemis não tem filhos ou filhas, mas sim, seguidoras, garotas que dispõem suas vidas em favor da deusa; esse aspecto também a difere das Amazonas, pois estas se relacionavam com homens apenas com o objetivo de procriação, no entanto, a deidade não age assim, abstenendo-se de qualquer intimidade com o sexo masculino, pois, como ressalta Brunel¹²³, “entre as moças, o heroísmo acaba com a virgindade” e, quiçá, seja esse o motivo pelo qual as Caçadoras de Ártemis, e a própria deusa, abstêm-se do relacionamento com o sexo oposto.

¹²⁰ Riordan 2009b: 33-34.

¹²¹ Riordan 2009b: p. 49.

¹²² Grimal 2005: 48.

¹²³ Brunel 1998: 472.

A Mantícora, irritada pela intervenção das Caçadoras, ataca diretamente Percy e Thalia, porém, Annabeth em um último ato de heroísmo, ataca o monstro, e ambos caem precipício adentro. Percebemos que toda a luta contra o monstro foi empreendida por mulheres: Annabeth, Thalia e as Caçadoras de Ártemis. Presenciamos, assim, que nenhuma delas se ateuve à posição passiva que a mulher ateniense ocupava, muito menos manifestaram inferioridade em relação ao sexo masculino, pois, como alega Costa¹²⁴, “o gênero feminino na cultura grega sempre foi relegado ao segundo plano, como se fosse uma deformação do gênero masculino”, pelo contrário, demonstraram coragem e destreza para enfrentar o monstro, ocupando o primeiro plano da narrativa.

Com o desaparecimento de Annabeth, Ártemis propõe partir em uma missão para encontrá-la, mas, regressando ao acampamento, os campistas e as caçadoras tomam conhecimento de que a deusa desaparecera igualmente. E o Oráculo, mais uma vez, prediz o futuro:

“A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada,
Um se perderá na terra ressecada,
A desgraça do Olimpo aponta a trilha,
Campistas e Caçadoras, cada um, brilha,
A maldição do titã um deve sustentar,
E, pela mão do pai, um irá expirar.”¹²⁵

Conseqüentemente, é necessário formar um grupo a fim de resgatar tanto Annabeth quanto Ártemis. Partem, então, Thalia Grace, Bianca di Angilo, Zoë Nightshade e Grover Underwood. Percy, como já sabemos, não foi incluído na missão (o que o deixa revoltado) e, infringindo a ordem de não participar da missão, o semideus segue, secretamente, os colegas que integram a comissão. Nesse ponto, é interessante tomarmos nota do motivo que levou Percy a não ser incluído na missão: Zoë, líder das Caçadoras de Ártemis, recusou-se a deixar que um garoto fosse numa missão em que as seguidoras da deusa fariam parte; sabemos que Ártemis e suas Caçadoras não se permitem ter nenhum tipo de relação com homens e é, exatamente por isso, que o garoto não pôde participar da missão: “– Ele não pode – disse Zoë. – É um garoto. As Caçadoras não vão viajar com um garoto”¹²⁶. Podemos dizer que a caçadora, chamada Zoë, impôs sua voz, como mulher, e não deixou que um homem interferisse em seus princípios. A personagem de Riordan, portanto, não ocupa uma posição passiva, calada, pelo contrário, ela se impõe e o garoto precisa seguir a missão escondido, submetendo-se aos desígnios dela.

¹²⁴ Costa 2003: 15.

¹²⁵ Riordan 2009b: 97.

¹²⁶ Riordan 2009b: 108.

O primeiro impasse que enfrentam, no Smithsonian, em Washington, é o Leão de Nemeia. O enorme felino aparece no salão e Percy, agora integrante da missão, precisa enfrentá-lo ao lado de seus amigos. A princípio, Zoë se demonstra irritada com a aparição do garoto, pois, como já foi dito anteriormente, ela não permitiu que o filho de Poseidon fizesse parte da busca de Ártemis e Annabeth. O leão, então, aparece e a Caçadora se vê em um impasse: aceitar ou recusar a ajuda de Percy.

O semideus sabia, no entanto, que precisava ajudar seus amigos e, por isso, empunhou sua espada, Contracorrente, e enfrentou o monstro. O leão avançou sobre ele e Percy, num átimo de segundo, percebeu que seria possível derrotá-lo atirando em sua boca, já que sua pele era invulnerável. Mas, sem a ajuda de Zoë, Percy não teria obtido sucesso contra o grande animal. Percy, agindo por meio de sua inteligência, entrou na loja de souvenirs do museu e pegou inúmeros pacotes de suprimentos de astronautas que, quando em contato com a saliva do leão, aumentou as proporções e forçou o leão a manter a bocarra aberta, permitindo a Zoë que a acertasse:

“Os olhos do leão se arregalaram e ele engasgou como um gato com um bolo de pelos.

Eu não podia culpa-lo. Lembrava-me de ter sentido a mesma coisa quanto tentei comer comida espacial quando era garoto. O negócio era simplesmente abominável.

– Zoë, prepare-se! – gritei.

Às minhas costas, podia ouvir as pessoas gritando. Grover tocava outra canção horrível em sua flauta.

Fugi, às pressas, do leão. Ele conseguiu engolir o pacote de comida espacial e me olhava com puro ódio.

– Hora do lanche! – gritei.

Ele cometeu o erro de rugir para mim, e eu lancei um sanduíche de sorvete em sua garganta. Felizmente, eu sempre fora um arremessador bastante bom, ainda que o beisebol não fosse meu jogo. Antes que o leão se desengasgasse, disparei dois outros sabores de sorvete e uma refeição congelada de espaguete.

Os olhos do leão se esbugalharam. Ele arreganhou a boca e ergueu-se nas patas traseiras, tentando fugir de mim.

– Agora! – gritei.

Imediatamente, as flechas perfuraram a boca do leão – duas, quatro, seis. A fera debateu-se com violência, girou e caiu para trás. E então ficou imóvel.”¹²⁷

Percebemos, assim, que Zoë, antes irreduzível na decisão de deixar Percy participar da missão, mostrou-se flexível ao combater o leão lado a lado com

¹²⁷ Riordan 2009b: 152-153.

um personagem do sexo masculino. Aliados, o semideus com sua inteligência e a Caçadora com sua destreza, enfrentaram a fera; herói e heroína se juntaram e derrotaram um monstro que, caso não fosse abatido, teria impedido a missão. É importante ressaltar que Zoë não deixou seus princípios (de nunca se juntar a um homem), mas percebeu que, com a ajuda dele, o resgate de Annabeth e de sua Mestra, a deusa Ártemis, teria mais chances de ser bem-sucedido. A missão, então, continua, e Percy, outrora banido, começa a fazer parte da busca pelas duas mulheres.

Enfrentam inúmeros obstáculos e, no final, para resgatar Annabeth e Ártemis, Percy e seus companheiros precisaram “[...] atravessar o Jardim das Hespérides para chegar ao monte Ótris – base para os Titãs, substituído, no livro, para o Monte Tamalpais, na Califórnia [...]”¹²⁸. Para tanto, Percy contou novamente com a ajuda de Zoë Nightshade, a tenente das Caçadoras, pois esta fora, antigamente, uma das Hespérides, mas por ter ajudado Hércules a conseguir um dos pomos de ouro em um de seus doze trabalhos, foi banida do Jardim. Com base nisso, podemos inferir que este foi o motivo que a fez se juntar às seguidoras da deusa, pois, assim que conseguiu o pomo, Hércules a deixara:

– Sua mãe era uma deusa das águas? – perguntei.

– Sim, Pleione. Ela teve cinco filhas. Minhas irmãs e eu. As Hespérides.

– Essas foram as garotas que viviam num jardim nos confins do Ocidente.

Com a macieira de ouro e um dragão que a guardava.

– Sim – disse Zoë, melancólica. – Ládon.

– Mas não era só quatro irmãs?

– Agora são. Eu fui exilada. Esquecida. Apagada como se nunca tivesse existido.

– Por quê?

[...]

– Porque traí minha família e ajudei um herói. Você também não vai encontrar isso na lenda. Ele nunca falou de mim. Depois que seu ataque a Ládon fracassou, eu lhe dei a ideia de como roubar as maçãs, como enganar meus pais, mas *ele* levou todo o crédito.”¹²⁹

Percebemos, de tal forma, que Riordan estilizou o mito de Hércules, o que, segundo Sant’Anna (1988) apud Morais¹³⁰, “seria o grau máximo de inovação que um texto suportaria sem que isso subvertesse o seu sentido [...]”. De fato, se recorrermos a Grimal¹³¹, tomaremos conhecimento de que, em relação a

¹²⁸ Morais 2013: 52.

¹²⁹ Riordan 2009b: 211-212.

¹³⁰ Morais 2013: 56.

¹³¹ Grimal 2005: 226.

quantidade de Hespérides que havia no jardim, “os autores não estão de acordo. Geralmente, eles nomeiam três: Egle, Erítia e Hesperaretusa. O nome desta, contudo, é por vezes dividido em dois e aplicado a duas Hespérides distintas: Hespéria e Aretusa”, ou seja, quatro ninfas. Ainda de acordo com Grimal¹³², a quinta ninfa não é mencionada no décimo primeiro trabalho, pelo contrário, quem ajuda Hércules a roubar o pomo de ouro é, na verdade, o titã Atlas, que amparava os céus nos ombros junto ao jardim das Hespérides.

Esse preâmbulo nos ajuda a entender o motivo que influenciou Zoë a renunciar os homens e a se juntar à deusa Ártemis. No entanto, ela ajuda Percy Jackson, distraindo o enorme dragão, a atravessar o jardim, assim como ajudou Hércules¹³³, na versão de Riordan. Percebemos que a heroína deixou de lado qualquer *remorso* que a impedia de oferecer ajuda ao garoto, pois precisava, também, resgatar sua mestra.

– Sou eu meu dragãozinho – disse ela. – Zoë voltou.

Ládon deslocou-se para frente, depois para trás. Algumas das bocas se fecharam. Algumas continuaram a sibilar. Um dragão confuso. Enquanto isso, as Hespérides tremeluziram e se transformaram em sombra. A voz da mais velha sussurrou:

– Tola.

– Eu costumava vos alimentar na mão – continuou Zoë, falando com uma voz tranquilizadora enquanto se aproximava da árvore dourada. – Ainda gostais de carne de cordeiro?

Os olhos do dragão cintilaram.

Thalia e eu estávamos a meio caminho do jardim. Adiante, eu via uma única trilha pedregosa lavando ao topo negro da montanha. A tempestade rodopiava no alto, girando como se o cume fosse o eixo do mundo inteiro.

[...]

Subimos correndo a montanha enquanto as Hespérides recomeçavam a cantar nas sombras atrás de nós [...].”¹³⁴

Se considerarmos apenas a versão atualizada de Riordan, perceberemos que Zoë possibilitou que herói clássico e o herói moderno completassem suas missões, este de resgatar Annabeth e aquele de se apoderar os pomos do jardim. A caçadora, assim, atuou como ajudante de herói em ambas as histórias, demonstrando inteligência e habilidade ao enfrentar o dragão. No final da narrativa, Zoë morre devido a um ataque de seu pai, o titã Atlas, e Ártemis, como recompensa por seus atos heroicos e por sua fidelidade, transforma sua seguidora em

¹³² Grimal 2005: 213.

¹³³ Na antiguidade, Hércules contou com a ajuda de Atlas para roubar os pomos de ouro.

¹³⁴ Riordan 2009b: 263,264.

uma constelação chamada “A Caçadora” e podemos dizer, com base nisso, que a garota obteve uma apoteose, uma recompensa pelos seus atos heroicos.

Depois de atravessarem o Jardim das Hespérides, depararam-se com uma cena inusitada: Annabeth estava ao lado de Luke, algemada; Ártemis amparava os céus nos ombros, no lugar de Atlas, o General; e inúmeros monstros montavam guarda no local. Percy, a princípio, enfrentou Atlas, mas reconheceu sua incapacidade perante as forças do titã e, por isso, “tomou os céus de seus ombros. Ártemis, libertada pelo herói, lutou freneticamente com o titã e, surpreendentemente, conseguiu empurrá-lo de volta para debaixo dos céus [...]”¹³⁵.

– O céu – eu disse à deusa. – Passe-o para mim.

– Não, garoto – replicou Ártemis. Sua testa porejava um suor metálico, como mercúrio. – Você não sabe o que está pedindo. Ele vai esmagá-lo.

– Annabeth aguentou.

– Ela mal conseguiu sobreviver. E tinha o espírito de uma verdadeira Caçadora. Você não vai resistir tanto tempo.

– Vou morrer de qualquer forma – disse eu. – Me passe o peso do céu.

Eu não esperei sua resposta. Peguei contracorrente e cortei-lhe as correntes. Então pus-me ao lado dela e me apoiei em um joelho – com as mãos estendidas para mim. Toquei as nuvens frias, pesadas. Por um momento, Ártemis e eu seguramos o peso juntos. Era a coisa mais pesada que eu já suportara, e tive a sensação de estar sendo esmagado debaixo de mil caminhões. Achei que fosse desmaiar por causa da dor, mas respirei fundo. *Eu posso fazer isso.*

Então Ártemis largou o fardo, e eu segurei sozinho.

[...]

Atlas avançava, coagindo Ártemis. Ela era rápida, mas a força dele era indestrutível. Sua lança bateu na terra em que Ártemis pisava uma fração de segundo antes e abriu uma fissura na pedra. Ele saltou sobre a fenda e continuou a persegui-la. Ela o estava trazendo de volta para onde eu estava.

Prepare-se, ela falou em minha mente.

[...]

Tão rápida quanto o pensamento, Ártemis agarrou a haste da arma, que atingiu o solo bem ao lado dela. A deusa a puxou para trás, usando-a como uma alavanca, chutando o Titã e mandando-o pelos ares acima dela. Eu vi que ele vinha caindo na minha direção e percebi o que iria acontecer. Afrouxei a força em meus braços, e quando Atlas desabou sobre mim, não tentei me segurar. Deixei-me ser empurrado e rolei para longe.

O peso do céu caiu sobre as costas de Atlas, quase esmagando-o até ele conseguir se colocar de joelhos, lutando para sair do peso esmagador do céu.

¹³⁵ Morais 2013: 52.

Mas era tarde demais.”¹³⁶

Com o excerto anteriormente transcrito, podemos vislumbrar a deusa agindo como uma verdadeira heroína, afinal.

Podemos concluir que, na série *Percy Jackson e os Olimpianos*, a mulher ganha espaço, ao lado do homem, de heroína. Elas possuem todos os atributos necessários que caracterizam o homem como herói e nascem, também, de “pais ilustres: seu pai ou mãe é de natureza divina”¹³⁷; elas são marcadas igualmente poder ideais nobres (como liberdade, fraternidade, sacrifício); recebem treinamento do mentor do Acampamento Meio-Sangue, Quíron, o mesmo centauro que outrora treinou Hércules e Aquiles; possuem ajudantes de herói; e, acima de tudo, são corajosas, inteligentes e fortes. Percebemos que elas são idênticas aos heróis e, por conseguinte, inferimos que os heróis e as heroínas de Riordan ocupam o mesmo patamar, um não é melhor que o outro, não há diferença nem inferioridade em relação ao sexo.

Se nos remontarmos à Era Clássica, perceberemos, diferentemente, que os relatos de semideusas, ou seja, mulheres filhas de algum deus, são mínimos e, conseqüentemente, não temos tantas heroínas. Podemos citar, por exemplo, Atalanta, mulher considerada heroína, Percebemos que, apesar de estar em um mundo onde predomina a vontade masculina, ela não esmorece ou se deixa subjugar pelas mãos dos homens, pelo contrário, ela se mostra tão ou mais forte e corajosa que eles, seja na luta contra animais ferozes, seja em jogos como luta e corrida. Destacamos, também, Helena, mulher de Menelau, por quem os Gregos muito combateram. De acordo com a epopeia homérica, ela é filha de Zeus e de Leda, sendo que “a tradição que faz de Leda mãe de Helena contava [...] que Zeus se lhe unira sob forma de cisne e que ela pusera um ovo donde saíra sua filha”¹³⁸, o que faz dela uma efetiva semideusa, filha do deus dos raios.

Independente de na Era Clássica ser mais raro encontrarmos mulheres semideusas e heroínas, Riordan iluminou o sexo feminino e fez delas heroínas, capazes de enfrentar monstros e de serem tão fortes quanto os heróis. É importante ressaltar, no entanto, que durante as narrativas, nós presenciamos certas oscilações de posições: ora o homem é herói e a mulher ajudante de herói, ora vice-versa, ou seja, a mulher passa a ser heroína e o homem, o seu ajudante. Isso apenas reconfirma a igualdade, ou então, o nivelamento entre os personagens da série, pois o autor não inferioriza suas personagens femininas em relação aos personagens masculinos, pelo contrário, ele os nivela de forma que ambos atuam ora como herói, ora como ajudante: Annabeth ajudou Percy contra Medusa, Percy ajudou as Caçadoras de Ártemis no embate contra o Leão de Nemeia, etc.

A heroína semideusa, assim, é construída por Riordan, sendo que a imaginação

¹³⁶ Riordan 2009b: 273-276.

¹³⁷ Brunel 1998: 468.

¹³⁸ Grimal 2005: 197.

do autor não as representa “[...] como virgens inalcançáveis, magras, afiladas”¹³⁹, pelo contrário, são garotas normais que possuem características provenientes de sua ascendência divina, assim como os garotos. As filhas de Ares, por exemplo, são *esquentadas*, as filhas de Atena são *inteligentes*, as filhas de Afrodite possuem o dom de *encantar* as pessoas, etc. Contudo, todas elas possuem coragem o suficiente para enfrentar os empecilhos que lhe são impostos durante as missões.

Depreendemos, portanto, que a mulheres de Riordan são tão capazes de serem heroínas quanto os homens são capazes de serem heróis. Elas estão aptas para atravessar qualquer obstáculo, enfrentar qualquer monstro (seja ele mítico ou metafórico); elas impõem suas vozes, suas forças e deixam a posição passiva que, na antiguidade, sempre lhes foi destinada; Annabeth, Thalia, Zoë, Bianca, etc., não precisam ser salvas do enorme dragão da torre mais alta do castelo, pois, agora, elas próprias enfrentam o dragão e são capazes de salvar outros, sejam homens ou mulheres, pois são heroínas.

À guisa de conclusão, podemos dizer que a construção da heroína se dá por meio da manutenção do mito, pois, de acordo com Roda¹⁴⁰, a mitologia encontra sua forma “justamente por estar plena de significados”, permanecendo como “objeto artístico para poetas e artistas ao longo do tempo” e sua dessacralização “não impediu que as histórias fabulosas se mantivessem como temas de obras artísticas”. Ainda baseando-nos em Roda, e estendendo suas considerações à nossa interpretação, podemos inferir que Riordan, assim como Dante Alighieri, conseguiu reunir “tantos e tão diversos personagens”, aludindo aos mais diversos mitos retratados, outrora, na Literatura Clássica. Mitos como o da Medusa, alguns trabalhos de Hércules, e outros tantos, são representados de forma que a intertextualidade aja em favor da estilização, quando esta se configura de modo a atualizar os mitos.

O autor estadunidense, ao escrever a série *Percy Jackson*, mergulhou na tradição mítica greco-romana e inseriu novos personagens, unindo-os aos personagens míticos para integrar o contexto de sua obra, como Roda¹⁴¹ afirma a respeito de Dante Alighieri, em sua *Divina Comédia*. Podemos dizer, destarte, que Riordan se apropriou de mitos a fim de recriar a Mitologia Clássica a sua maneira, utilizando-se de artifícios que a renovaram, angariando uma legião de fãs, ao redor do mundo, que, agora, buscam compreender melhor a literatura greco-romana.

Com a série *Percy Jackson*, de Riordan, e muitas outras obras, de tantos outros autores, a Mitologia continua sendo “retomada e é encarada, muitas vezes, com fascinação. Revisitadas ou recriadas, constantemente, na Literatura, nas Artes plásticas e no Cinema, as narrativas mitológicas continuam no gosto dos

¹³⁹ Brunel 1998: 472.

¹⁴⁰ Roda 2012: 162.

¹⁴¹ Roda 2012: 163.

leitores”¹⁴². Consequentemente, o herói mitológico é convidado a fazer parte da “recriagem” dos mitos, uma vez que, na série de Riordan, heróis e heroínas entram em foco, sempre com uma missão, onde enfrentam monstros e regeneram ações empreendidas, na antiguidade, por Hércules, Aquiles, Perseu, Teseu, etc.

É interessante pensarmos no fato de que os heróis e as heroínas de Riordan são adolescentes normais e, talvez, seja por isso que os leitores – o público infanto-juvenil – se espelham neles ou, numa análise mais profunda, assemelham-se a eles. Consequentemente, podemos explicar o porquê de nos espelharmos nos heróis pelo fato de precisarmos de um modelo de conduta. Campbell¹⁴³ afirma que a sociedade precisa de heróis, para seguir um rumo. As provações que enfrentamos no dia-a-dia seriam, metaforicamente, os monstros que os heróis enfrentam em suas aventuras. A saga do herói seria, portanto, “a aventura de estar vivo”¹⁴⁴, sendo o herói um homem ou uma mulher “que conseguiu vencer suas limitações, histórias pessoais e locais [...]”¹⁴⁵.

A permanência do mito, dos heróis e, consequentemente, a construção da heroína semideusa, deve-se a essas características, postuladas por Campbell, pois

“sabemos que na história da humanidade muitos ícones foram consagrados e se tornaram mitos, como, por exemplo, Gandhi, Martin Luther King e outros tantos, pois levam consigo o valor do heroísmo que, mesmo no mundo moderno, continua carregado de significados. Isso reflete no pensamento humano em geral, nas dores, nas lutas e nos acontecimentos da vida, pois há a necessidade de se espelhar em algo.”¹⁴⁶

Os mitos ainda suscitam sensações no homem moderno, provocam o desejo de entendê-los profundamente, já que a própria vida é vista, muitas vezes, como um mito, um mistério. O mundo moderno, então, é repovoado por mitos e sempre estará em contato com os heróis, pois eles “são modelos de conduta e, acima de tudo, uma herança que possibilita o imaginar”¹⁴⁷. Assim, os heróis, os deuses e, de forma mais abrangente, os mitos são retomados pelo escritor norte-americano, estilisticamente, e dão continuidade a essas histórias que antigamente explicaram o nascer do mundo e dos homens.

¹⁴² Morais 2013: 56.

¹⁴³ Campbell 1990: 142.

¹⁴⁴ Campbell 1990: 133.

¹⁴⁵ Campbell 1997: 28.

¹⁴⁶ Morais 2013: 56.

¹⁴⁷ Morais 2013: 56.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Hesíodo. (1991), *Os trabalhos e os dias*. Tradução, Introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo, Iluminuras.
- Hesíodo. (1991), *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras.
- Homero. (1960), *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos.
- Homero. (1967), *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo, Melhoramentos.
- Sófocles. (1995), *Les Trachiniennes / Antigone*. v. I. Tradução de Paul Mazon. Paris, Les Belles Lettres.
- Virgílio. (s/d), *Eneida*. Estudo Introdutivo de Paulo Rónai e tradução e notas de David Jardim Júnior. S/1, Tecnoprint.

Estudos

- Brunel, P. (1998), “Heroísmo (o modelo – da imaginação)”, in P. Brunel, *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekind *et al.* 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, p. 467-473.
- Campbell, J. (1990), “O Mito e o Mundo Moderno” (Cap. I) e “A saga do herói” (Cap. V). In: Campbell, J. *O poder do mito*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Palas Athenas, p. 3-38 e 131-174.
- Campbell, J. (1997), *O herói de mil faces*. 10. ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Cultrix.
- Chaline, E. (2008), *Guia do viajante pelo mundo antigo: Grécia*. Tradução Elmer Flor. São Paulo, Ciranda Cultural.
- Chatagnier, J. C. (2013), *O gênero em questão: crítica e formação nos Bildungsromane The secret Life of Bees, de Sue Monk Kidd e Sapato de salto, de Lygia Bojunga*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- Costa, E. B. (2003) *A poética de Aristóteles e a personagem feminina na tragédia grega*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- Ésquilo / Sófocles. (s/d), *Prometeu acorrentado / Rei Édipo: Antigone*. Tradução de J. B. Mello e Souza. Rio de Janeiro, Tecnoprint.
- Ésquilo. (1975), *Teatro completo*. Lisboa, Estampa, p. 15-47.

- Grimal, P. (2005), *Dicionário da Mitologia grega e romana*. Tradução Victor Jabouille. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Jaeger, W. (1986), *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes.
- Morais, G. A. L. F. (2013), “A releitura dos Mitos Clássicos na série *Percy Jackson e os Olimpianos: A maldição do Titã*”, *Mosaico*. v. 12, n. 1, p. 41-58.
- Riordan, R. (2009a), *O ladrão de Raios*. Trad. Ricardo Gouveia. 2. ed. Rio de Janeiro, Intrínseca.
- Riordan, R. (2009b) *A maldição do Titã*. Trad. Raquel Zampil. Rio de Janeiro, Intrínseca.
- Riordan, R. (2012), *Percy Jackson e os Olimpianos: Guia Definitivo*. Tradução de Leonardo Alves. 1. Ed. Rio de Janeiro, Intrínseca.
- Riordan, R. (2010), *Os arquivos do semideus*. Tradução de Luciana Bastos Figueiredo. Rio Janeiro, Intrínseca.
- Roda, R. R. (2012), *Mitologia dantesca: a referência aos mitos greco-romanos na Divina Comédia pelo viés da (re)criação poética de Dante Alighieri*. (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- Samoyault, T. (2012), *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo, Aderaldo & Rothschild.
- Tokita, J. F. (2012), *A mulher na mitologia e dramaturgia irlandesa: o feminismo no mito de Deirdre, em peças de John M. Synge e Vincent Woods*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.